

multifacetado do sujeito, que aspira em vão ao resgate dos cacos quebrados de sua individualidade. A rigor, o ciclo deste texto nunca se fecha, embora persista o desejo de formalizar, com certa dose de coerência, o relato do vivido. Estamos sempre à cata de um fio condutor, de uma idéia comum, de um *leitmotiv* que transforme o precário em perene e o fugidio em algo captável. Guiada pelos princípios de Eros e Tânatos, a escrita desliza entre a ânsia de totalidade e a reunião dos fragmentos da lembrança, embora ciente de que o ato de escrever obedece à ordenação simulada dos fatos.

Amplia-se, dessa forma, a metáfora de Édipo para a articulação de conceitos que se reduplicam em torno da categoria do sujeito, alvo teórico dos meus textos e reflexões produzidos desde a realização da tese de Doutorado. Tratam-se de questões ligadas à enunciação discursiva, à escrita, à autoria e à biografia literária. Esse movimento conceitual caminha ao lado de uma prática interdisciplinar — o intercâmbio operado pela teoria da literatura e outros discursos, além dos desdobramentos verificados nessa relação.

## FRICÇÕES FREUDIANAS

O meu contato com a psicanálise, iniciado nos anos 70, no Brasil, teve prosseguimento na França, durante o curso de Doutorado. Em 1983, de volta ao Brasil, tive a oportunidade de participar do debate sobre *Ficções Freudianas*, de Mannoni, por ocasião do lançamento de sua tradução brasileira.<sup>2</sup> Considero de extrema importância a leitura desse texto, por se tratar de um livro que combina ficção e teoria, além de ser escrito por um psicanalista. Concebido sob forte influência de Borges, *Ficções Freudianas* problematiza o caráter inventivo da teoria psicanalítica, constituindo-se de cartas de alguns pacientes de Freud que se

---

<sup>2</sup> Cf. SOUZA. *Meias-verdades ou verdade e meia?*

insurgem contra a palavra "autoritária" do analista. Dentre as personagens e situações recriadas, destacam-se Dora, O homem dos ratos, o presidente Schreber, evocado através da figura de um primo, bem como a simulação de encontros de escritores e psicanalistas.

O enfoque da psicanálise pelo viés da ficção contribuiu para a mudança de perspectiva realizada por mim na relação interdisciplinar, já que o imaginário próprio à literatura é capaz de fornecer material para se interpretar a psicanálise como ficção teórica. Ao inventar situações e plagiar outras, o autor acena para a carga ficcional de toda teoria, bem como para o componente teórico que se encontra na obra de invenção.

O cruzamento da literatura com a psicanálise — efetuado de forma magistral em Freud — obedece a um sistema de trocas, no qual os conceitos e imagens, próprios a cada discurso, são transportáveis de um domínio a outro. Nesse sentido, as noções de autoria, plágio, propriedade autoral ou posse imaginária de idéias podem transitar livremente nas diferentes instâncias discursivas. Retomar os conceitos psicanalíticos — e principalmente os de Freud — pelo olhar da literatura significa declarar fidelidade ao projeto teórico freudiano, pautado pela construção de conceitos operatórios retirados da sua experiência pessoal e da ficção. Devolve-se, portanto, a outra face da moeda, pois a intenção de fazer da psicanálise uma ciência exigia de seu criador o recalque de elementos ficcionais, por constituírem ameaça à precisão e ao rigor conceituais. Diante das limitações verificadas no discurso científico, o que importa no momento é a recuperação de certas facetas até então esquecidas.

Na época em que inicio o curso sobre as várias interpretações do mito de Édipo utilizo igualmente o livro de Mannoni para esclarecer a relação entre literatura e psicanálise. Ao estudar o texto que tem como protagonistas Joyce e um psicanalista de Trieste ("Introdução - Psicanálise e Literatura"), pretendia mostrar como os temas constituintes do "complexo de Édipo", quais sejam o parricídio, o incesto e a busca da identidade, recebem tratamento metafórico ao serem reelaborados pela escrita literária.

Articulando as descobertas freudianas com as realizações artísticas de Joyce, em que percebo a mesma paixão pelo mecanismo inconsciente da linguagem, valho-me da presença do significante *alegria*, contido nos dois nomes próprios, Joyce e Freud(e), que irá emblematizar o enlace jubiloso entre as duas disciplinas. Remeto para um encontro real processado pela linguagem, apesar do desencontro das personagens na vida real.

Em comunicação apresentada no "Colóquio de Psicanálise e Cultura", realizado em Belo Horizonte, em 1988, introduzo a relação entre literatura e psicanálise pelo viés do significante *alegria*, presente nos nomes de Joyce e Freud. Construo um enredo fictício baseado num sonho de Freud, com o intuito de apontar para a força real do significante, entendido enquanto representação do inconsciente. A evocação da alegria, de natureza igualmente nietzschiana, comporta seu componente oposto, a dor, que surge marcada de positividade. Essa concepção de escrita, que Barthes soube muito bem desenvolver, recupera o "prazer do texto", pelo labor exercido pela encenação de saberes distintos.<sup>3</sup>

O ensaio coloca em xeque a apropriação ingênua de conceitos psicanalíticos pela teoria e a crítica literárias, quando procedem à reelaboração e adaptação dos mesmos. Barthes e Derrida, autores em que me inspiro para falar sobre a conceituação da escrita literária calcada em preceitos psicanalíticos e filosóficos, foram escolhidos por pertencerem à classe de pensadores "inclassificáveis", transitando entre domínios limítrofes do saber.

Derrida, ao teorizar sobre o caráter parricida da escrita, reflexão presente no célebre artigo "La Pharmacie de Platon", vale-se de conceitos platônicos referentes à necessidade da presença controladora do *pai* no discurso e constrói uma das mais ricas relações entre a escrita e a metáfora paterna. Com o objetivo de desconstruir a idéia de *origem*, o filósofo, na esteira de Nietzsche, investe-se contra os lugares escriturais indicadores do *logos* paterno, como os prefácios, os *incipits*, que irão simbolizar a "solenidade dos começos". Privilegia, ao contrário, o espaço da

---

<sup>3</sup> Cf. SOUZA. Na borda da alegria.

margem, da nota de pé-de-página, na tentativa de romper com o centro controlador do saber e com a palavra ameaçadora e autoritária do pai. Seu pensamento exerceu e continua exercendo papel relevante no meio intelectual brasileiro, notadamente entre aqueles que se entregam ao debate de questões vinculadas à identidade cultural, à importação de modelos estrangeiros ou à relação entre o texto original e a cópia.

Esses postulados permitem, portanto, extrapolar a metáfora edipiana — o parricídio e o incesto na escrita — para interpretações que remetem à releitura de textos deslegitimadores da cultura oficial. Em artigo de 1984, dedicado a Borges ("*Borges, Autor das Mil e uma Noites*"), discuto a idéia de uma escrita que oscila entre o desejo de ocupar e de esvaziar o lugar do texto paterno — gesto ambivalente de prolongar e rasurar sua imagem. Ao invés de me deter no exame do romance familiar borgiano, amplio a metáfora paterna para a vinculação do autor tanto à biblioteca gauchesca, filiada à herança materna, quanto à européia, notadamente inglesa, representante da linhagem paterna. Nesse sentido, a elaboração do perfil intelectual de Borges deverá necessariamente levar em conta a presença dessas duas vertentes familiares, que nos informam sobre os modelos herdados e "inventados" pelo escritor.

Interessada sempre em pesquisar a dupla face da herança familiar como uma das motivações próprias à criação artística, analiso o "texto" de Mário de Andrade enquanto prolongamento do "grande texto" da família. No ensaio "Relíquias da Casa", já citado neste *Memorial*, examino a construção ambivalente da escrita marioandradina, calcada na linhagem materna pelo viés do texto do avô e pela presença mais próxima da mãe, vista no seu papel de doadora de estabilidade e segurança. De um lado, o escritor irá herdar a face bandeirante e aventureira da escrita, ao se entregar ao registro do vasto material da cultura popular, bem como ao seu ideal de construção de um texto em benefício da vida pública; de outro, o desejo de ir artesanalmente montando os alicerces de um texto que se fecharia no espaço íntimo da casa, sem pretensões de se expandir em realizações de maior vulto. Instala-se, na realidade,

o impasse entre construir uma obra que o eternize e o deixar-se viver, entre o perene e o precário, entre o definitivo e o provisório.

No entanto, o encontro imaginário de Mário com a escrita materna, à feição do gesto paciente da mãe que "prega os botões dos filhos", como assinala no conto "Sociologia dos Botões", funciona igualmente como metáfora da costura e da restauração que o escritor irá processar no tecido cultural brasileiro.

Em *A Pedra Mágica do Discurso*, já havia abordado os epitáfios de Macunaíma inscritos sobre a pedra, que remetem à morte, por engano, de sua mãe, como viada parida, e à inscrição sobre a pedra-jabuti. No primeiro caso, o herói liberta-se da pressão materna, uma vez que pertence a uma linhagem matrilinear; no segundo, Macunaíma funda uma genealogia, ao se integrar ao tótem, ao pai cultural representado pelo jabuti. A articulação entre os dois epitáfios foi realizada com vistas a colocar em relevo essa questão de linhagem. Contudo, uma aproximação entre Mário e Macunaíma, pautada pelo estatuto de ambos como personagens, foi esboçada nesse trabalho realizado posteriormente à tese. Ao interpretar a inscrição sobre o símbolo totêmico, "Não vim no mundo pra ser pedra", gesto macunaímico considerado como signo da impossibilidade de realizações do herói, faço associações com a empresa intelectual de Mário, que, pela sua função pragmática, torna-se inscrição na edificação do monumento cultural do país.<sup>4</sup>

Os demais ensaios marcados pela presença da teoria psicanalítica — "O Enigma em Édipo-Rei", "Na Borda da Alegria" e "A Bela Indiferença da Histérica" — foram elaborados num intervalo de seis anos, razão pela qual deixam transparecer o tratamento distinto dispensado à psicanálise no interior de meu discurso crítico.

---

<sup>4</sup> Cf. SOUZA. Relíquias da casa. Remeto ainda para meu artigo de 1974, "A glória do ofício: uma poética da criação", baseado num conto de Autran Dourado "A glória do ofício", em que discuto igualmente a metáfora paterna como inspiradora do gesto criador. Procedi à articulação entre construção e destruição de modelos, à invenção de precursores e pais da criação, com o intuito de apontar a duplicidade do processo criativo, marcado pela morte e renascimento da imagem paterna.

O primeiro, dedicado ao estudo do enigma como fato de linguagem, reforça o seu caráter de significante e seu poder de deslizamento constante no discurso. A questão enigmática de Édipo é deslocada para a figura de Jocasta, para a sexualidade feminina que o "sábio" não foi capaz de decifrar. Guiada pela leitura que Kristeva realiza de Édipo em *Pouvoirs de l'Horreur*, endosso a solução apresentada para o enigma, que se consubstancializa na entrega do sujeito à modalidade da significância, o *semiótico*. À diferença do *simbólico*, a instância semiótica situa-se no âmbito da pré-significação, do inominável. O *simbólico*, vinculado à ordem do signo, caracteriza-se pela demarcação de limites e pela presença da lei.<sup>5</sup>

Nota-se que a minha interpretação do encontro incestuoso de Édipo com Jocasta, entendido como uma "escrita sem signos", reitera a articulação realizada por Kristeva entre a semiologia e a psicanálise. O problema edípiano não se restringe apenas à elucidação da trama criada entre mãe e filho, mas se metaforiza em um encontro significativo, em uma questão de linguagem. Jocasta é o texto-enigma a ser decifrado por Édipo.<sup>6</sup>

O que me leva a discordar da posição de Kristeva e a reconhecer a parcialidade de minha interpretação justifica-se a partir do seguinte argumento: na tentativa de desconstrução das leituras anteriores de Édipo, calcadas no registro do simbólico (como a de Lévi-Strauss), inverte-se a equação e cria-se um espaço teórico fundado na *exceção* e na *diferença*. Se a saída para se romper com

<sup>5</sup> Cf. KRISTEVA, *Pouvoirs de l'horreur*, essai sur l'abjection.

<sup>6</sup> A tese de doutorado de Ruth Silviano Brandão, *Mulher ao Pé da Letra*, defendida em 1989 sob minha orientação e publicada em 1993 pela Editora UFMG, constitui um dos melhores exemplos da relação entre literatura e psicanálise. Trabalhando com diferentes personagens femininas da literatura brasileira e estrangeira, a autora explora o tema da *mulher escrita*, seja como personagem construída pelo olhar masculino, por autores-homens, seja como aquela que se constitui enquanto *texto*, escrita e grafada no espaço ficcional. A metáfora da literatura, utilizada frequentemente por Freud na produção de conceitos operatórios, está presente na abordagem analítica de Ruth Silviano Brandão, que considera a personagem feminina como *corpo escrito* a ser decifrado pelo olhar do "saber" masculino. No prefácio ao seu livro, destaco principalmente a articulação dessa idéia. Cf. SOUZA, *Nas letras do desejo*. In: BRANDÃO, *Mulher ao pé da letra*.

a lei paterna é mergulhar no imaginário e, assim, permitir a inserção do sujeito no discurso incestuoso, essa equação edípica não poderá constituir-se enquanto paradigma dos discursos de exceção. Ao opor o sujeito do "discurso unívoco, racional e científico" ao "sujeito em processo" da linguagem poética, conclui que este simula o gesto incestuoso com a escrita-mãe, ao se apropriar do território arcaico, pulsional e materno. A passagem do texto de Kristeva, "Le Sujet en Procès", é esclarecedora para a melhor compreensão do que pretendo afirmar:

C'est au prix du refoulement de la pulsion et du rapport continu à la mère, que se constitue le langage comme fonction symbolique. Ce sera au contraire, au prix de la réactivation de ce refoulé pulsionnel, maternel, que se soutiendra le sujet en procès du langage poétique pour lequel le mot n'est jamais uniquement signe. S'il est vrai que c'est l'interdiction de l'inceste qui constitue à la fois le langage comme code communicatif et les femmes comme objets d'échanges pour qu'une société puisse se fonder, le langage poétique serait, pour son sujet en procès, l'équivalent d'un inceste: c'est dans l'économie de la signification même que le sujet en procès s'approprie ce territoire archaïque, pulsionnel et maternel, en quoi il empêche à la fois le mot de devenir simplement signe et la mère de devenir un objet comme les autres, interdite.<sup>7</sup>

A relação intrínseca entre a literatura e o processo de ruptura com o código social, por intermédio do "esquecimento" da interdição do incesto, justificaria, para Kristeva, a associação da linguagem poética com o "mal". Suas análises de textos representativos da Modernidade, como os de Céline, Lautréamont, Mallarmé, entre outros, comprovam a escolha de um paradigma de

---

<sup>7</sup> KRISTEVA, *Le sujet en procès*, p.236.

ordem literária que contemplaria todos os "discursos de exceção". A ensaísta retoma, de forma sofisticada e através do emprego de diferente instrumental teórico, pressupostos da teoria da linguagem poética dos formalistas russos, na qual se valoriza o literário como expressão da *diferença*.

Os dois outros artigos citados — "Na Borda da Alegria" e "A Bela Indiferença da Histérica" — refletem sobretudo uma preocupação teórica que incide seja na relação entre literatura e psicanálise, seja na concepção da teoria freudiana como ficção teórica. O primeiro artigo retoma a teorização de Barthes sobre a enunciação dramática do saber, prática comum ao discurso psicanalítico e literário, na qual o sujeito se entrega ao permanente trabalho com a linguagem. O segundo, de 1989, é fruto do curso sobre Freud, ministrado pela Dra. Angela Torres Lima e do qual participaram alguns professores da Faculdade de Letras da UFMG.

A partir dessa época passo a me interessar pela maneira como Freud relatava as histórias de suas pacientes e a relação desse procedimento narrativo com o avanço de suas descobertas teóricas, com o objetivo de aproximar a enunciação teórica da ficcional. A forma de composição do enredo da histeria correspondia ao estágio em que Freud se encontrava, quer diante da construção de conceitos psicanalíticos, quer frente aos processos retóricos da escrita.<sup>8</sup> São revistos, assim, os laços operacionais entre teoria e ficção, narrativa policial e método analítico, ao se considerar a técnica freudiana semelhante à investigação de fatos, em que se configuram os papéis do detetive e do criminoso.

Na terceira parte desse trabalho remeto para as coincidências e contradições entre as descobertas teóricas de Freud

---

<sup>8</sup> Entre as leituras que aguçaram meu interesse por esse tipo de análise, cito as de Mannoni (*Ficções Freudianas*), o livro *Dora's case - Freud - Hysteria - Feminism*, coletânea de textos organizados por Charles Bernheimer e Charles Kahone, *Quatre Romans Analytiques*, de Sarah Kofman, e o artigo de Roberto Corrêa dos Santos, "Narrativa policial: Freud e o Suspense", publicado pela revista *Matraga*. A leitura do ensaio de Peter Gay, "Um Alemão e Seus Dissabores" muito me ajudou no desenvolvimento da primeira parte do texto, centrada no método analítico freudiano e na sua predileção pelas metáforas literárias e arqueológicas. Esse ensaio contribuiu, ainda, para o reforço do meu "olhar literário" em direção aos primeiros textos de Freud.



e os episódios de sua vida familiar. Por manter, com sua filha caçula, Anna, um relacionamento que reedita os casos das históricas, pai e filha reencenam o drama edípico. Freud torna-se personagem de sua obra, ao se deixar trair pela força incontrolável do inconsciente, ironicamente por ele próprio descoberta.<sup>9</sup>

A intenção de tornar menos rígida, nos meus ensaios mais recentes, a barreira entre a ficção e a vida, ou entre a teoria e a ficção, não pretende naturalizar diferenças, tampouco defender o retorno à analogia entre discursos. Reforça-se, ao contrário, o grau de encenação e dramaticidade que constrói o cenário textual da obra assim como da existência. A psicanálise, com suas "maquinarias desejanças", continua ainda fornecendo subsídios teóricos para que se possa entender, com mais clareza, os limites desse impasse.

## A CENA DO SUJEITO

A metáfora teatral constitui um procedimento largamente empregado nas manifestações discursivas, aglutinando o caráter de representação do sujeito ao discurso, ou do texto ao espaço de encenação. A psicanálise, desde a sua origem, vincula-se à metáfora teatral, variando apenas o tipo de teatro que a ela se relaciona. A criação, por parte de Breuer, da expressão "teatro particular" da histórica, andava ao lado da descoberta freudiana do inconsciente, no qual o sujeito, na cena psíquica, se vê como ator que representa papéis e se submete a maquinarias desejanças. Mannoni, em *Clefs pour l'Imaginaire ou l'Autre Scène*, assinala a relação entre a vida psíquica e o teatro, com sua cena, seus bastidores e personagens, lembrando o jogo do *Fort/Da*, analisado por Freud, em que a

---

<sup>9</sup> Cf. SOUZA. A bela indiferença da histórica.